

Discurso

Proferido durante a cerimônia oficial de entrega da médaille d'argent do CNRS*

Bernard Lahire

No trabalho da ciência, somente se pode amar aquilo que se destrói, só se pode continuar o passado negando-o, só se pode venerar o mestre contradizendo-o

Gaston Bachelard¹

Receber uma marca de reconhecimento do gênero desta que me é atribuída hoje não tem nada de natural ou evidente para mim. De origem popular, não *normalien*², non *agrégé*³, não

*Este texto corresponde ao discurso de Bernard Lahire, proferido em 18 de setembro de 2012, na Universidade de Lyon II, durante a cerimônia oficial de entrega da *Médaille d'argent*, prêmio do Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS) que homenageia anualmente pesquisadores reconhecidos nacional e internacionalmente pela originalidade, qualidade e importância de seus trabalhos. O discurso foi publicado em 20 de setembro de 2012 pelo jornal *Le Monde* e outros órgãos da imprensa francesa, e é traduzido aqui com a autorização do autor.

Tradução de Priscila de Oliveira Coutinho.

¹ BACHELARD, Gaston. *La Formation de l'esprit scientifique. Contribution à une psychanalyse de la connaissance*, Paris, Vrin, 1999.

²Indivíduos que por meio de um concurso público tornam-se alunos das Escolas Normais Supérieures, centros de excelência do ensino universitário francês. (N.T)

tendo nem mesmo conhecido as classes preparatórias⁴, mas sendo um puro produto das universidades de massa, eu fui, apesar de tudo, o que se pode chamar de um “*early starter*”: professor universitário aos 31 anos, membro júnior do Instituto Universitário da França (IUF)⁵ aos 32 anos, professor da Escola Normal Superior de Lyon aos 37 anos, eu hoje tenho o sentimento de que o milagre social ainda produz seus efeitos.

Meu percurso científico foi aquele de um sociólogo da educação atento às grandes questões das ciências humanas e sociais. Eu comecei a trabalhar sobre o fracasso escolar na escola primária, objeto de minha tese defendida em 1990⁶. Posteriormente conduzi sucessivamente trabalhos sobre os usos sociais da escrita, sobre os sucessos escolares improváveis nos mei-

³Aqueles que, após realização do concurso nomeado de “*agrégation*”, são recrutados para o ensino secundário público na França. Nas áreas de letras e ciências humanas, em função do prestígio do concurso, a aprovação na *agrégation* é uma condição de fato amplamente considerada para a admissão, após o doutorado, no posto de professor-pesquisador no ensino superior francês. (N.T)

⁴As classes preparatórias (*classes prépas*) para as *Grandes Écoles* francesas são cursadas após o ensino secundário. As classes preparatórias para exame de admissão nas *Écoles Normales Supérieures* em Letras Clássicas (ENS ULM - Paris), Letras Modernas (ENS Lyon) e Letras e Ciências Sociais (ENS Ulm, Lyon e Cachan) são também chamadas de *khâgne*. (N.T)

⁵ O instituto Universitário da França foi criado em 1991 e está vinculado ao ministério responsável pelo ensino superior. Designa o conjunto dos professores e pesquisadores selecionados por um júri internacional em razão da qualidade excepcional de seus trabalhos. Há duas categorias de membros, os juniors e os sêniors. O estatuto de membro do IUF é restrito ao tempo de 5 anos eventualmente renováveis. Site do Instituto Universitário Francês: <http://iuf.amue.fr/iuf/presentation/>. (N.T)

⁶ LAHIRE, B. *Formes sociales scripturales et formes sociales orales: une analyse sociologique de « l'échec scolaire » à l'école primaire*. Lyon/Lille, Université Lyon II/Université de Lille-III, Atelier National de Reproduction de Thèses. 1016 p. multigr. (Tese de doutorado), 1990.

os populares, sobre as maneiras de estudar no interior dos diferentes setores do ensino superior francês, sobre o crescimento (do fim dos anos 70 ao fim dos anos 90) dos discursos públicos sobre iletrismo, sobre as práticas culturais dos franceses e, mais recentemente, sobre a condição social dos escritores e os processos de criação literária, com atenção especial ao universo literário de Franz Kafka, que decifra os mistérios da dominação e revela a magia, negra e branca, de seus efeitos⁷.

Eu também publiquei, com regularidade, textos sobre questões de ordem epistemológica, teórica e metodológica em obras pessoais e coletivas que tratavam de problemas como: “Qual teoria de ação e do ator deve ser elaborada para explicar as práticas de um mundo social altamente diferenciado?”; “Como as ciências sociais podem compreender os fenômenos da cognição?”; “O que caracteriza a epistemologia das ciências sociais?”, ou ainda “Para que serve a sociologia?”. Estes trabalhos empíricos e estas reflexões resultaram na formulação de uma teoria da ação *disposicionalista* e *contextualista*, sensível à escala individual do mundo social, a qual contribui para a transformação das teorias do *habitus* e do campo, elaboradas por Pierre Bourdieu. Eu também, e isto me é particularmente

⁷Algumas das obras e artigos que resultaram das pesquisas às quais o autor faz referência são: LAHIRE, B. *Tableaux de familles. Heurs et malheurs scolaires en milieux populaires*, Paris, Gallimard/Seuil, Collection Hautes Études, 1995; LAHIRE, B. *La raison des plus faibles. Rapport au travail, écritures domestiques, et lectures en milieux populaires*. Lille, Presses Universitaires de Lille, 1993; LAHIRE, B. Discours sur l'illettrisme et cultures écrites. In: BESSE, J.-M.; GAULMYN, M.-M. DE; GINET, D. et alii. *L'illettrisme en questions*. Lyon, Presses Universitaires de Lyon. P. 59-75. LAHIRE, B. *La culture des individus. Dissonances culturelles et distinctions de soi*. La Découverte, Laboratoire des Sciences Sociales, Paris, 2004. LAHIRE, B. *La condition littéraire. La double vie des écrivains*. La Découverte, Laboratoire des Sciences Sociales, Paris, 2006. (N.T)

sensível, formulei propostas para o ensino das ciências do mundo social já a partir da escola primária.

Apesar do reconhecimento de que me benefico com essa medalha de prata, meu trabalho tem sido alvo frequente de fogo cruzado no universo francês da sociologia. Herdeiro heterodoxo da sociologia incarnada por Pierre Bourdieu, eu atraio tanto a ira dos guardiões do templo, que não suportam a crítica científica, quanto a dos detratores desta sociologia, os quais sempre gostaram de evidenciar que minha forma de fazer sociologia se inscreve, não obstante minhas inflexões e críticas, na tradição que eles tentam de todas as formas minorar. A partir do momento que não se faz a escolha por um campo ou, mais exatamente, que se opta precisamente por não fazer a escolha por um campo, estar sob tiro cruzado é, sociologicamente, quase inevitável. Os mal-entendidos científicos, voluntários ou involuntários, também o são.

Meu trabalho, entretanto, foi acolhido com boa vontade e interesse, na França, por pesquisadores que, por razões ligados à suas trajetórias sociais e científicas ou a suas posições institucionais, preferiam a resolução de problemas científicos e a compreensão do real às questões de “filiação” ou de “identidade” científica. Uma parte desses colegas provém de disciplinas conexas: história, antropologia, ciência política, filosofia, ciência da educação, psicologia e didática. Mas foi sem dúvida no exterior que encontrei o interesse científico mais rigoroso e consistente. Os trabalhos sobre a circulação internacional das obras insistem frequentemente sobre os mal-entendidos devidos à sua transferência do espaço científico de origem aos novos espaços científicos de recepção. Mas é possível demonstrar que certas obras podem ser mal compreendidas no interior mesmo do espaço nacional onde são produzidas (em função de uma deformação ou filtragem pelos indivíduos ou escolas que, den-

tro de uma lógica de concorrência ou de luta, têm interesse em distorcê-las, simplificá-las ou caricaturá-las); e pode-se evidenciar, inversamente, que essas mesmas obras são algumas vezes melhor aceitas e compreendidas em outros espaços científicos nacionais.

*Imponha tua sorte, abrace tua felicidade e vá em direção ao teu risco. Observando-te, eles se acostumarão*⁸.

René Char

Quando se tem sólidas razões para pensar que problemas científicos cruciais foram alcançados, não se deve jamais se deixar desencorajar por aqueles que – no interior mesmo do meio científico- tentam objetivamente frear o progresso da reflexão e do conhecimento, mesmo estando persuadidos de trabalhar para o desenvolvimento científico. Deve-se privilegiar a paixão e o trabalho, o ascetismo alegre e o gosto pelo rigor, a curiosidade e a perseverança, o amor pela descoberta e o senso de imaginação; deve-se perseguir sua voz e deixar de lado os comentadores mal intencionados sem esperar, logicamente, qualquer espécie de reconhecimento por parte daqueles que, conservadores ou adeptos de uma antiga vanguarda consagrada, têm interesse em manter o estado da ordem científica existente. É por esta razão que esta medalha me surpreendeu, porque ela contraria um pouco minhas “expectativas”, que consistem justamente em não ter nenhuma expectativa desse tipo. A satisfação ligada à realização cuidadosa dos trabalhos científicos, à felicidade de investigar e interpretar pouco a pouco os traços de uma realidade desconhecida, ao prazer de descobrir e compre-

⁸ CHAR, René. Rougeur des matinaux. In: *Les Matinaux*, Paris, Gallimard, 1950.

ender os processos ou as estruturas invisíveis ou obscuras: essas são razões suficientes para se alegrar com o que se faz.

Trabalhando sem cessar há vinte anos e vivendo a sociologia como uma feliz missão, a medalha tem um significado especial para mim. Eu não gostaria de colocar em uma situação embaraçosa aqueles que acharam por bem me atribuir essa distinção, mas a instituição acaba de recompensar (talvez sem sabê-lo?) um franco atirador ou um herético - pode-se escolher entre as metáforas militar ou religiosa: um pesquisador que não publicou nenhum artigo em nenhuma das duas revistas de sociologia mais acadêmicas (*a Revue française de sociologie* e *a Actes de la recherche en sciences sociales*), que nunca propôs um só projeto de pesquisa à ANR⁹ e que, por uma mistura de convicção, de senso de honra e espírito combativo, nunca soube nem pôde deter o traço crítico no conjunto de suas publicações. Essa medalha significa, então, para mim e para aqueles que acompanham com interesse minhas obras, que o trabalho e a independência de espírito terminam às vezes (meu realismo me impede de dizer “sempre”) por serem recompensados. E eu espero que ela tenha também efeitos libertadores sobre os jovens pesquisadores que poderão, quem sabe, dizer a si mesmos que é possível se deixar guiar por suas convicções, fazer o mínimo de concessões possível, ser cientificamente intransigente e mesmo assim ser reconhecido pela instituição.

Para concluir minhas palavras, quero dizer que a aventura das ciências sociais apenas começou e que eu adoraria que pudessemos continuar a escrever por muito tempo aquilo que Célestin Bouglé escreveu em 1935: “E ninguém pode determinar

⁹Agence Nationale de la Recherche (Agência Nacional da Pesquisa).

Cadernos do Sociofilo

hoje sobre quais terrenos se estenderá ou não a ambição explicativa da sociologia”¹⁰.

Bernard Lahire, 18 de setembro de 2012.

¹⁰ BOUGLÉ, Célestin. *Bilan de la sociologie française contemporaine*, Paris, Félix Alcan, 1935.